



RESENHA

GADINI, Sérgio Luiz. *Interesses Cruzados – a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009

JORNALISMO TAMBÉM É CULTURA

Os jornalistas estão aprisionados ao mundo das fantasias dos que se alimentam ou se pautam pela audiência.

Luciano Maluly¹

O livro do jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS e professor de jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, Sérgio Luiz Gadini, permite ao leitor permanecer inquieto mesmo após as chamadas por ele de *Enfim ... Considerações Finais*, termo que deveria ser extinto das publicações. Obras são abertas e esta permite ir além dos resultados. Nas páginas, o autor flerta com a possibilidade de condicionar o jornalismo como manifestação cultural. Talvez seja uma de suas intenções ao posicionar a produção como elemento da notícia e vice-versa. Contudo, a cada capítulo surgem indagações sobre os *interesses cruzados* que manipulam a *produção cultural no jornalismo brasileiro*.

Das estratégias à formação, o livro revela a atual estrutura que cerceia e aprisiona o trabalho dos jornalistas aos interesses dos agentes culturais. Saídas são

¹ Luciano Maluly é professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

propostas pela pesquisa ao revelar que é possível repensar o jornalismo cultural por estratégias que possibilitem uma outra ordem na escolha das pautas. Sem essa dinâmica, jornalista e público estarão sempre contaminados pelo avesso do que hoje se denomina (e se aceita) como diversidade.

O(s) autor(es)

Sérgio é daqueles professores que buscam, no jornalismo, uma alternativa contra o movimento estagnado pela padronização do fazer pelo fazer, da fonte pela fonte, que transformam o jornal no mundinho das celebridades e dos interessados apenas em ocupar as linhas que outrora seriam destinadas aos movimentos culturais do cotidiano.

Sérgio faz uma leitura não só da produção, mas também da cultura do jornalista brasileiro que ocupa o tempo e o espaço (dele e do jornal) para reafirmar o poder de troca e a hegemonia dos grandes agentes que, pelo lobby, interferem diretamente nas decisões do País, elegendo presidentes ou mesmo os filmes que é preciso assistir.

Sérgio interfere diretamente na idéia de que é permitido refletir mesmo diante da dominação da indústria que relê belas histórias e enlata textos prontos. Independente do meio, é permitido ao jornalista inserir elementos que caracterizem a mensagem, sendo intrínsecas e inseparáveis as funções de entreter, informar, orientar e interpretar a notícia, como revela Fraser Bond, em *Introdução ao Jornalismo* (Agir, 1959).

Os jornalistas

Interesses Cruzados – a produção da cultura no jornalismo brasileiro é um passeio pelos estudos em jornalismo por desvendar, principalmente, as dificuldades nos processos de construção da notícia. *Produzir* é a palavra utilizada pelo autor para exemplificar os diversos receios (medos) do jornalista. Mencionar universos fora da agenda é ficar fora de (e do) circuito. Torna-se mais fácil falar das mesmas coisas, das chamadas promoções dos gestores de cultura. É difícil sair do quadrado. De um lado, a dependência da publicidade; de outro, a pressão do entretenimento e, como pano de fundo, uma cultura fundamentada nas grandes produções, concentrada no valor a ser pago pelo ingresso. O sucesso garantido pela audiência.

O universo das polítics, dos esportes, das artes determinam, assim, o retorno do colonismo social mascarado de notícia, fantasiando a cultura como mercadoria. Chega a cansar tantos repórteres travestidos de “jornalistas especializados em cultura” que, pelos pequenos poderes concedidos pela profissão, recortam o universo da cultura pela produção da indústria do entretenimento. Não existe mais critério, porque vale tudo para o pagamento do boleto que dá direito ao ingresso ou ao aluguel da fita.

As obras

Do excessivo número de produções, principalmente fomentadas pela indústria cinematográfica norte-americana e pelo comércio televisivo brasileiro, surgem obras-primas que contagiam o público pelo roteiro e pela interpretação dos atores. Da mesma forma, os sentimentos transformam o dia ao ouvir àquela canção da infância na velha emissora de rádio. O livro indicado por um amigo que parecia ser “auto-ajuda”, mas era um romance cheio de novidades. Nem tudo é lata vazia, diriam os chamados produtores culturais. Sempre sobra alguma coisa no meio de tanta porcaria. Porém, é a quantidade que dificulta a seleção das notícias e o modo de pensar do jornalista brasileiro. Se existe tanta produção, então por que procurar outras formas fora do já estabelecido universo midiático? Pergunta que permeia as redações.

3

As culturas

Diante da quantidade e certas qualidades, as diversas produções influenciam diretamente o pensamento ou a cultura de cada um. Neste ponto, o livro prorroga a dúvida no contexto do que é cultura, analisando o jornalismo pelas informações sobre aqueles que se manifestam constante e periodicamente pela mídia. À margem fica sempre a dúvida sobre os excluídos. Dançar, cantar e interpretar também integram o cotidiano de outras melodias. Nas escolas, nos bares, nas praças, nas casas existem comediantes, cantores, poetas, atores que ganham vida própria. Manifestações esquecidas na periodicidade dos jornais, mas lembrada quando “ser popular” é *cult*, como durante as coberturas no período de carnaval.

O jornalismo

A cada capítulo aparecem respostas logo refutadas sobre o fazer jornalismo ou cultura no Brasil. Talvez esta seja outra motivação para o estudo de Gadini. Interesses condicionados pela influência das celebridades até as fábricas de enlatados. Sobrecarga que ocupa o tempo dos noticiaristas, que concentram seus esforços apenas naquilo que chega pelo computador por meio das grandes agências que fomentam artes e espetáculos. A pressão da máquina pública que considera essencial patrocinar grandes eventos ou *show business* que oferece à máquina pública o bom evento. Parece que tudo tem o dedinho do governo; parece que quase nada é produzido apenas com dinheiro privado. Sempre tem um slogan de apoio ou fomento cultural. E mesmo assim, a pessoa é obrigada a pagar até 20 reais por um ingresso de cinema e 50 reais no teatro.

A lição

O difícil estado das coisas começa a interromper o processo democrático. Proibir é a palavra atual, do fumo ao convívio. O interessante é ficar trabalhando em frente às telas da burrice, acordar cedo, cheio de saúde, com a cultura cinematográfica de que tudo é possível e da brasileira em que ser rico é que é ser legal. É permitido desde porrada à reprodução dos conteúdos. Do excessivo número de exemplos (produções), sempre surgirá algum detalhe que preste. Fórmula perigosa para as mensagens exibidas nos cadernos em separado (2, mais e outros títulos), como se constituem os espaços de cultura. A saída do autor é simples. Permitam ao jornalista conhecer o seu público. Perambule pelos becos e, ao conhecer a origem da produção cultural, saberá multiplicar os caminhos e as pautas. Da nova geração de teóricos da comunicação, Sérgio Luiz Gadini sugere outras possibilidades contra o fechado universo do jornalismo, propondo um debate em torno da pluralidade, ou mais, noticiários que reflitam as culturas.